

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SZUCHMACHER , Wili. Wili Szuchmacher (depoimento, 2019). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 21min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Wili Szuchmacher  
(depoimento, 2019)**

Rio de Janeiro

2021

***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Técnico de gravação:*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 12/09/2019 a 12/09/2019

***Duração:*** 1h 21min

Arquivo digital - áudio: 1;

***Temas:*** Bolsas de estudo e de pesquisa; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Ciências Sociais; Educação; Ensino médio; Geografia; História; Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; Serviço Social da Indústria; Sociologia; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

## *Sumário*

Entrevista: 12/02/2019 Graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); trabalhou durante toda a graduação; bolsa de iniciação científica com o Instituto de Medicina Social (IMS), do Núcleo de Estudos em Saúde do Adolescente (NESA) para uma pesquisa comparativa da relação entre violência e DST's (doenças sexualmente transmissíveis); bolsa no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil), na parte de audiovisual; estágio na Associação Projeto Roda Viva, para trabalhar educação ambiental nas escolas; trabalhou no projeto Artesão no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); em 2003 foi morar em Sana – Rio de Janeiro; trabalhou com educação em um projeto do Serviço Social da Indústria (SESI), nas disciplinas de História e Geografia; em 2005 estava terminado a monografia com orientação de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros; mudou para Curitiba – Paraná; foi professor de Sociologia pela primeira vez em 2009, na rede estadual do Paraná; entrega de planejamento do ano para a escola; conversa com outros professores da área; preparação das aulas de acordo com o material didático da escola e da secretaria; produção de textos adaptados do material didático; dinâmicas da sala de aula; falar de Sociologia para entender as relações; adaptação para os alunos do ensino médio; em 2013 volta para o Rio de Janeiro; bolsa de docente residente dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foi o Instituto politécnico de Cabo Frio – Rio de Janeiro; planejamento em equipe do conteúdo; trabalhou em escolas em Austin e no Rancho Verde, que é em Nova Iguaçu; Projeto Escola Sem Partido; rotina de trabalho; leituras no tempo livre; participação do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (SEPE); uso de redes sociais para trabalho.

*Entrevista: 12/02/2019*

J – Bom, hoje é dia 12 de fevereiro. Entrevista com Wili Szuchmacher, na sua residência, na Glória. Wili, obrigado por ter aceitado participar. Primeira pergunta é bem simples, é: onde e quando você estudou Ciências Sociais?

W – Na UERJ, tá João? Eu entrei em 93 e eu terminei [os] créditos em 2000, 2001.

J – 2000, 2001?

W – É. Inclusive a parte também de licenciatura, de prática. E a monografia, eu acabei saindo, cara... só em 2005. Porque só em 2005 eu vou pedir reintegração de prazo, enfim. Eu me embolei com coisas de trabalho e acabei me afastando. Então, assim, todos os créditos... eu parei de frequentar a UERJ... o último crédito, talvez, na licenciatura tenha sido, se foi 2000 ou 2001, não me lembro. E aí em 2004 eu retorno ao Rio (que eu já estava morando no Sana (RJ)), para pedir reintegralização de prazo, para entregar a monografia.

J – Para ter o título da licenciatura?

W – Dos dois, na verdade. Porque na UERJ, eu peguei um modelo de graduação que era bacharelado e licenciatura. Era diferente da UFRJ, mas que você só tinha o título de licenciatura se você abrisse os créditos. O meu ingresso, eu podia só ter feito bacharelado, mas o tipo de ingresso que a gente teve permitia que eu abrisse a licenciatura. Quando chegou, já a partir de... eu acho que em 98, eu devo ter começado a puxar crédito de licenciatura. Então eu acho que no segundo semestre de 2000 eu devo já ter acabado tudo quanto era crédito e ficou faltando a monografia. Que só em 2004 eu volto à UERJ e peço a reintegralização de prazo e entrego, acho que foi em agosto de 2005.

J – E esse período aí, você mencionou que estava morando fora do Rio. Você estava trabalhando durante esse período na graduação?

W – Eu praticamente trabalhei a minha graduação toda e eu tive uma graduação de quem é trabalhador, não é? Então a gente, às vezes, tem que priorizar o trabalho. É que nem estudante que a gente vê no EJA [Educação de Jovens e Adultos]. Então, assim, eu tive... primeiro, eu, em 93, no ano que eu entrei, eu tive um acidente aí eu fiquei, eu perdi o

segundo semestre. Voltei em 94. Cursei o ano de 94 e quando entrou em 95, eu tranquei a faculdade e fiquei o 95 inteiro com a faculdade trancada, trabalhando.

J – Onde?

W – Cara, trabalhando em uma loja de estofado. Totalmente fora de perspectiva profissional. E na época, inclusive, pensando em largar a faculdade e *trabalhar*. Mas, bom, no meio de 95 me deu aquela luz, não é cara?

J – “Vou tentar terminar...”

W – Isso aí. Eu acho que vale a pena, enfim. Eu também tinha o desejo, eu não fiquei de bode das Ciências Sociais. Minha dificuldade era trabalhar e estudar, e a gente tinha um curso, também não é? A dificuldade, talvez das Ciências Sociais (porque tu tem umas matérias de manhã, outras a noite, enfim). Eu não conseguia conciliar, de fato, um trabalho que pegava de 9 às 5 da tarde, trabalho de horário comercial, com um patrão que não tinha nenhuma sensibilidade, não tinha relação nenhuma com as Ciências Sociais, não é? Então não tinha sensibilidade com a faculdade. Isso acabou me atrapalhando um pouco. Depois disso, eu fui cursando a faculdade tendo que trabalhar. Então eram quatro disciplinas, nunca foram seis disciplinas bonitinho, aquela coisa de quem entra e consegue cursar quatro anos se dedicando só a universidade, não é? A partir daí, João, eu comecei a trabalhar também, pelo menos, na área. Assim, era bolsa – seja de iniciação científica, eu tive uma bolsa de iniciação científica na UERJ, com uma galera da medicina social...

J – IMS [Instituto de Medicina Social]?

W – É. Do NESA, Núcleo de Estudos em Saúde do Adolescente. Que era um grupo que fazia uma pesquisa comparativa da relação entre violência e DST's [doenças sexualmente transmissíveis], e prevenção de saúde sexual, em um estudo comparativo que era África do Sul, Brasil e Estados Unidos. Então eram três equipes com uma galera que vinha da Medicina, mas que tinha alguém das Ciências Sociais nas equipes, e a gente entrou. Entramos três colegas da graduação das Ciências Sociais. Eu tive essa bolsa, eu tive bolsa no CPDOC [Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil], lá no arquivo, na parte de audiovisual e tive um estágio na Associação Projeto Roda Viva, que é uma ONG e o projeto, que eu trabalhei na época, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, para trabalhar educação ambiental nas escolas. Na parte de estágio – eu vou colocar assim, nesse pé –, na área, foi a minha experiência. Logo depois

eu comecei a ter trabalho trabalho, que já contava um pouco com *background* das Ciências Sociais, mas não era tão específico. Eu vou te falar um que fez com que eu tivesse dificuldade de continuar a cursar a faculdade, foi o projeto Artesão no SENAC – eu trabalhei 2000, 2001, 2002...

J – Eu lembro desse projeto.

W – Cara, a Julia foi minha colega...

J – A Virna eu acho que participou...

W – Virna, Julia, enfim, uma galera aí da...

J – Guga...

W – O Guga também.

J – Era uma galera isso aí?

W – Uma galera.

J – Que viajava pelo Estado do Rio?

W – Isso. Não é?

J – Não pagava mal, pelo que eu me lembro.

W – Não. Na época a gente tinha um salário relativamente bom, para gente fazer um trabalho de técnico cooperativista, uma coisa assim. Só que no primeiro ano eu iniciei dando os cursos, então eu tinha uma relação só de ir pontualmente. Isso foi 2000. Eu ainda conseguia cursar a faculdade. 2001 eu comecei a fazer uma outra função no projeto, que era de coordenar as equipes. E eu fiquei lá no noroeste fluminense, quer dizer, eu fiquei a sete horas do Rio de Janeiro. Daí eu lembro que em 2001 eu tentei fazer prática de ensino e não consegui fazer. Não consegui fazer a prática de ensino. Eram as disciplinas da licenciatura que estavam faltando e eu não consegui fazer. Eu lembro que eu reprovei, eu voltei no Rio, conversei. Era a professora Diói, que era a responsável por encaminhar a gente para as escolas e eu não conseguia fazer. Não é? Mas, assim, depois disso eu saí do projeto Artesão em 2002, tá? E em 2003 eu fui morar no Sana (RJ). Eu fui morar no Sana (RJ) em 2003 por uma história pessoal, meu pai foi morar lá – eu ainda tenho perspectiva de, de repente, voltar a morar lá, tenho casa lá –, mas eu cheguei lá desempregado e o primeiro trabalho que eu tive na educação lá foi no ano de 2004. O

SESI fez um projeto que era para vários lugares, que era de um EJA de Ensino Médio, para lugares de difícil localidade ou que não tinham o Ensino Médio. Eu estava na parte rural de Macaé e a escolinha que tinha era uma escola do município. Com esse projeto, inclusive, a escola passou a ter... Hoje a Escola Municipal do Sana (RJ) tem o Ensino Médio, pela especificidade do lugar, mas eu comecei... foi o primeiro trabalho na educação mais formal, mas eu trabalhando com História e Geografia. Eram oito disciplinas e ainda não contemplava (a nossa lei do retorno, se eu não me engano, é de 2008)...

J – Do retorno da Sociologia.

W – É. E a grade curricular não pegava. Então eu dei aula de Geografia e História. Aí começo 2004 – esse projeto era de um ano e meio –, terminou em agosto (julho, não é?), no segundo semestre de 2005 a turma forma no Ensino Médio e é quando eu também estava terminando a monografia.

J – Lá no Sana (RJ)?

W – Lá no Sana (RJ), mas aí eu já tinha voltado aqui para o Rio, feito contato com a Luitgarde [Oliveira Cavalcanti Barros], que foi a minha orientadora, tomado as... feito a reintegração de prazo – também foi quando a UERJ me respondeu positivamente no caso da reintegração de prazo.

J – E aí você conseguiu dar as práticas de ensino nos colégios? Como é que foi?

W – Sim. Aí eu lembro... No ano de 2002, eu continuei como coordenação pedagógica, aí eu arrumei uma escola lá em Natividade (RJ) (era uma escola do estado que, na verdade, a Dióci não tinha como acompanhar, não tinha como ela ir na escola, mas também foi o que foi possível).

J – Esse foi o teu estágio supervisionado? Este seria o teu estágio supervisionado?

W – Foi. Foram as práticas de ensino.

J – E como é que foi essa experiência lá em Natividade (RJ)?

W – Uma pessoa solta na escola. Uma pessoa solta na escola. Porque a gente não tinha a disciplina, não tinha professor para a disciplina. Tu já tinha uma estrutura do ensino, enfim, tu já tinha uma rede com todos os problemas que a gente tem de carência de

recursos humanos. Imagina, se hoje as pedagogas estão tentando entender a contribuição da nossa área...

J – Imagina à época.

W – Naquela época era falar do latim, de uma coisa morta ainda, não é? Uma coisa que elas não viam na prática acontecendo. Então tu falar de Sociologia com os outros professores...

J – Doideira.

W – Era como conversar tipo: “Eu quero dar latim na língua estrangeira”. O cara fala: “Cara, inglês, espanhol... latim não”. Não é? Então, literalmente, eu acho que eu não lembro assim de ter uma rotina qualquer que seja, eu ficava solto lá. Passava as horas dentro da escola e a orientadora lá me ensinava. Ficava meio boiando na sala dos professores, não tinha a atenção de ninguém. Ninguém... talvez eu tenha pedido para ler os documentos, que a gente pede para dar uma olhada, projeto político pedagógico, ver alguma coisa assim. Mas fiquei lá no canto na sala dos professores.

J – Entendi. Jogado lá?

W – É. Literalmente.

J – E depois você conseguiu se formar lá em 2004, 2005, não é?

W – Sim.

J – Qual foi tua primeira experiência docente, já como professor de Sociologia devidamente titulado?

W – Então eu, em 2006, peguei um contrato no estado de um ano, que eu dei aula de Geografia. Novamente era aquilo, a gente chegava e qual era a disciplina que era possível para eu trabalhar. Eu começo a trabalhar com Sociologia só em 2009. Em 2008 eu mudo para Curitiba (PR). Eu fiquei morando em Curitiba (PR) de 2008, de março de 2008 ao final de 2012, mesmo, dezembro. Eu volto para o Rio nas festas, no Natal de 2012.

J – Então você trabalhou como professor de Sociologia lá em Curitiba (PR)?

W – Lá. Primeira experiência que eu tive. 2009. As primeiras aulas. O primeiro período da minha vida que eu dei aula na Sociologia, de 2009 a 2012, na rede estadual do Paraná.

J – E como é que foi essa primeira experiência?



W – Eu trabalhei de contratado. Eu posso te dizer, um pouquinho, como foi o acolhimento da rede estadual daqui. Que na verdade, aqui, quando eu entro em 2015, o acolhimento que foi feito foi uma conversa na Metro [Diretoria Regional Metropolitana da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro], apresentando já a previdência privada. Então foi um dia de conversa que era de acolhimento para tu entender a rede, para você ir para que ele só falavam “a previdência está quebrada”, e apresentando a previdência privada. Foi um absurdo. Eu não sei como é que é feito o acolhimento na rede estadual do Paraná, porque como eu entro como contratado, você também tem todo um ingresso como contratado, conforme a carência da rede. Então eu não entrei no início do ano, eu entro em maio porque eles vão chamando os contratados conforme eles alocam e sei lá o que, não é? Eu não me lembro, inclusive, se essa turma tinha professor e eu chego. Mas eu chego como se tivesse iniciando a aula. E chego para escola como se fosse um profissional pronto: “Oi professor. Ah, você é o professor Wili, de Sociologia, turma tal. Vai”.

J – E o que é que você fez no “Vai!”?

W – E aí tinha também, um pouquinho ainda, a imaturidade da disciplina naquele momento. Porque, quer dizer, a gente tinha poucos livros didáticos na época. Era o da Cristina Dias, o do outro camarada que eu sempre esqueço o nome... eu acho que não tinha ainda o livro do Tomazi, não é? Mas na rede estadual do Paraná tinha um livro didático e foi a situação dos profissionais de Sociologia, na rede do Paraná, ela é um pouquinho melhor do que a do Rio, porque lá teve concurso já em 2003. Mas eu também não tinha contato com colegas e, cara... “E aí, João? Por onde eu começo?”.

Cara, eu olhei para o belíssimo livro – para tentar, porque eu ainda... não é? Uma coisa é, enfim, a dinâmica da graduação e tudo mais –, eu olho para o livro: “Deixa ver como é que está aqui”. Pensado o programa, fui tentar organizar minhas aulas a partir do livro. E eu peguei, inicialmente, turmas que entraram de EJA. Então era por bloco. Então eram seis meses, tinha disciplina e os outros seis meses, não. Então era toda uma administração do tempo um pouquinho diferente, eu tinha quatro tempos na semana com a turma. Eu tinha quatro tempos na semana, sabendo que no outro semestre aquela turma não teria. E aí o grupo de professores que estava com uma turma ia para outra. Então você tem quatro tempos concentrados, não é?

Bom. Se eu estou lembrado, isso era começar a Sociologia. E eu, ainda, sem conhecer exatamente como é que estava pensado um programa em três anos. Não é?

Como é que isso é pensado na Sociologia? Cara, eu fui meio tateando a partir do que era o livro. Olhei o que era o livro. Olhei o livro e tentei organizar algo que fosse possível na linguagem palatável para uma turma de Ensino Médio que nunca... (de EJA), que nunca tinha visto a disciplina, com um professor que, apesar de ter um *pouquinho* de experiência, não tinha de fato nenhuma na disciplina. De fato, eu não tinha nenhuma experiência com a Sociologia, não é? O ano de 2009 foi todo assim, porque a escolinha que eu peguei, eu fiquei nessa modalidade de turma.

Quando entra 2010, eu peguei também ainda era bloco – porque eu estou esquecendo, lá no Paraná tinha uma modalidade que era assim até em primeiro, segundo e terceiro ano –, era ensino formal, era o primeiro ano, mas eram blocos de matérias. Então em 2010 eu entro em turmas, se eu não me engano, eram todas turmas de primeiro ano, no Colégio Estadual do Paraná. Então é uma escola que é meio a cereja do bolo na rede estadual do Paraná. E tinha uma única turma que já era primeiro ano-primeiro ano, que era uma turma de ensino técnico da galera de Arte Cênica – uma coisa assim –, da galera de Artes. Então era Ensino Técnico.

Eu tinha turmas de primeiro ano que eram assim por bloco. Que eu peguei, sei lá, três no primeiro semestre e no segundo semestre eu virei. E você imagina que eram todas quatro tempos. Então até... quando eu, em 2011, me deparo com turmas do Ensino Médio regular, com dois tempos... Eu, a todo momento eu tinha que rever um pouquinho a aula, não só em função da realidade da turma, mas era como a coisa era apresentada antes, em quatro tempos em seis meses, e aí depois dois tempos durante um ano. Mas, já em 2010, no Colégio Estadual do Paraná, eu já tinha muitos colegas de Sociologia e Filosofia, e no Colégio Estadual do Paraná eu tinha uma hora pedagógica que era concentrada. Então eles conseguiam estar com a pedagoga dando recado institucional, ou eventualmente vendo alguma coisa tua, em específico, mas eu sentava com todo mundo que era da Sociologia, e aí dava para pedir socorro. Dava: “E aí, cara, você está trabalhando Estado? Que material você usou? Como você usou?”.

Em 2010, me foi exigido também planejamentos, porque em 2009, nessa primeira escola... não... quando tu se depara com a necessidade de ter planejamento, você tem que olhar para o programa, não é? Pela experiência de 2009, cara, como é que eu posso organizar isso daí? Mas eu estava com outros colegas, e eu pude contar com o conhecimento que eles tinham acumulado também. Então já em 2010, eu comecei a ter, mesmo que algo com seus limites, que pode ser mudado, um programa para primeiro,

segundo e terceiro ano. Com uma matéria que funcionava duas vezes na semana. Assim foi 2010, 2011 e 2012.

J – Mas só, te interrompendo aí, esse planejamento... você tinha que entregar um planejamento já do ano? Digamos, em determinado momento.

W – Do ano.

J – Que você fazia em dezembro? Provavelmente, para o outro ano. Era uma coisa assim?

W – Não, não. Porque, como eu era contratado, eu podia por exemplo, eu fiquei em 2010 no Colégio Estadual, em 2011 no Ernani Vidal, outra escola, em 2012 eu fiquei em três escolas. Então imagina, você com uma relação de contratado, que você não está na casa, você não é da casa, não é? Algumas exigências não chegavam para mim, ou até chegavam mas assim: “Olha, você tem que entregar o planejamento em janeiro”, mas em janeiro eu já não estou mais na escola. Aí eu volto em uma escola que eu estou em fevereiro, aí alguém fala assim: “Você devia... todo mundo entregou um planejamento em janeiro”.

J – “Mas eu nem estava aqui”.

W – O governo do estado, ele quebra o meu contrato e eu não estava. Enfim, estas diferenças que tem, da categoria. Mas, em 2010, com certeza, eu tive que entregar um planejamento. E eu não lembro se foi primeiro e segundo ano. Mas, por eliminação, o que não coube no primeiro e no segundo ano, supostamente seria dado no terceiro ano. Agora, eu fui começando, também, a ter contato com os meus colegas lá, e aí a gente tinha relação de colega de área, com toda a especificidade que tem a Filosofia e a Sociologia, e a gente realmente trocava. Assim: “Olha cara, aqui ó, toma o meu planejamento, eu estou com o primeiro, segundo e terceiro ano, toma aqui o meu planejamento”. Não é? Que eu estou chamando, era meio o conteúdo estruturante: gênese da Sociologia, os autores clássicos, pensamento social brasileiro, instituições sociais... aí isso seria o que é o primeiro ano. Bimestre a bimestre. E a gente, naquele esqueminha: conteúdo estruturante, o que é que é habilidade, ou sei lá o quê que o pessoal chama...

J – Competência.

W – Competências. Que aí você esmiúça, talvez, os objetivos que você tem trabalhando com aquilo dali. Então também era um roteiro que (cara, eu nunca fui conteudista pelo conteúdo) se você consegue dar todo o programa com qualidade, que bom, se não aquilo é um norte para você tentar trabalhar. Em 2016 tivemos uma greve de cinco meses e ainda

tinha uma coisa diferente para mim, que ainda, a disciplina, aqui no Rio, quando eu venho para o Rio, em 2015 eu começo a trabalhar com um tempo só. Eu falei: “Cara, um tempo é para você fazer a chamada, passar o dever de casa no quadro e perguntar quem fez”. Porque um tempo não dá para você trabalhar.

J – No caso, você (ainda voltando aí para esse período ali no Paraná, 2010, 11, 12). Como é que você se trabalhava para a preparação das suas aulas? Assim, você não estava muito nas escolas, você trabalhava em casa mais, não é? Aí você colocava ali livro didático, você procurava materiais outros, lembrava os textos da tua graduação? Como é que tu fazia esse artesanato aí?

W – Olha só, em 2010, além do livrinho... já em 2009 eu tive contato com o livro do Tomazi, e fora aqueles livros mais antigos da Cristina Dias e eu estou esquecendo o nome, Perseu? Qual era o nome do cara? Um outro livro de Sociologia que eram três livros que tinham, não é? Aí começam a ter outros materiais, chegar para a gente. Eu não lembro se o livro da Helena Bomedey e o *Tempos Modernos*, se eles já existiam, enfim. Então tinha uma conversa com colegas de área (em 2010, coisa que não era possível em 2009, eu não encontrava, não via, não achava, não tinha ninguém no dia). A gente tinha, no Paraná a nossa hora atividade era paga e haviam escolas que cobravam que você fizesse ela na escola e escolas que te davam a liberdade para fazer em casa. As escolas que cobravam que você fizesse lá, era porque no mínimo tinha um laboratório de informática, no mínimo, para você se quiser digitar, enfim, montar alguma coisa, pesquisar, não é? Aí o Paraná já tinha também, por exemplo, no próprio site da secretaria, por disciplinas, um banco de atividades, um banco de materiais. Você entra no site da secretaria estadual do Paraná, deve estar assim hoje também, se tu for na Sociologia, cara, tem vídeo, tem atividade por escrita, tem texto...

J – Você usava esses bancos?

W – Usava. Usava. Se não para reproduzir, muitas vezes para ter uma ideia e bolar algo naquele mesmo espírito, com uma temática um pouco diferente. Então, João, eu fui... Cara, dados da realidade. Quer dizer, coisas que aconteciam que se não tinha uma relação direta com o conteúdo, era algo tão importante que a gente precisava estar conversando dentro de sala. Aí eu ia buscar. Podia ser um recorte de jornal, um texto que eu levasse, jornalístico mesmo, até pequenos textos que não eram específicos da área de Sociologia. Um texto que falasse da questão indígena, escrito pelo Conselho Indigenista Missionário,

pelo CIMI. E se a gente estava trabalhando alguma coisa de Antropologia, de Cultura, se eu for botar o conhecimento em caixinhas, aí eu lançava mão de falar um pouquinho da questão indígena com um texto do CIMI, falando de território indígena, da questão da demarcação das terras, de aculturamento.

J – Você chegava a produzir, assim, você, um texto teu? Nem que fosse para você? Que tem gente que escreve nota de aula, você tinha isso?

W – Tinha. Geralmente, eu faço uma síntese, que seja introdutória, muitas vezes eu trabalho apoiado pelo livro didático. Com todas as críticas que a gente pode ter, a qualquer texto e seus limites e tudo mais. Mas eu vejo o texto didático como um disparador. E muitas vezes não sou eu que escolho, com exceção da escolha do livro de Sociologia que a escola adotou no ano passado, que esse eu tive intervenção direta, nas outras vezes, havia um livro didático. E eu falava “cara, não me interessa se, supostamente, na minha concepção sociológica está...”. É dali que eu vou partir, porque é esse material que eles tem. Nem que seja para eu discordar. Do meu ponto de vista, com alguma fundamentação e tudo mais, mas... eu vou partir dali.

Eu chamo de texto adaptado, porque eu pego, literalmente, passagens do livro e faço uma síntese, no quadro, para o cara ter um registro, porque as vezes ele também não tem o livro. Então o que ele tem é no caderno. Beleza, tem ali no caderno. Então esses eu chamo de texto adaptado, porque eu nem uso de alterar tanto a linguagem, quase copio e colo. As vezes com uma preocupação inclusive de parametrizar. O cara de repente leu o termo conforme... (porque se eu pedir para ele estudar no livro, e aí depois ele lê um texto adaptado que está também de acordo com o livro), e eu não fazia uma síntese com a minha linguagem e na falta de experiência do aluno ele achar que é diferente, mas não, eu tento fazer um texto adaptado mesmo. Inclusive eu boto lá: “Texto adaptado do capítulo tal, boto entre aspas e, se o sujeito tiver muito cuidado ele vai achar as frases iguais no livro, tiro um adjetivo ou outro, um termo ou outro, mas é um texto adaptado. Faço também sínteses. Dependendo do tema, eu faço alguma síntese e eu tento fazer essa síntese também de olho no livro ou tentando contemplar os conceitos básicos que a gente, independente de cada escola de Sociologia que cada um siga, vai estar trabalhando também. Então eu vou falando de cultura e estamos discutindo indústria cultural e ideologia. Então eu posso não ser um seguidor da Escola de Frankfurt, mas eu não tenho porque não trabalhar com os conceitos da Escola de Frankfurt e falar em indústria cultural,

e falar em cultura de massa – até porque, também são conceitos que eu abraço, que eu uso independente de ser seguidor da Escola de Frankfurt.

Então até quando eu faço esses textos-sínteses (e aí eu produzo pensando neles), eu não produzo pensando em mim. Produzo pensando neles e guardo para mim. Então eu tenho cadernos de textos que eu produzi e que, engraçado, eu poderia até voltar neles, mas toda vez... por exemplo, hoje eu vou preparar aula. Eu novamente vou olhar para os livros e por acaso são os mesmos livros do ano passado. Então eu poderia... não são livros novos... Mas eu vou olhar para os livros novamente e é bem provável que eu produza um texto adaptado e um texto-síntese hoje, que de repente está igual no caderno lá, mas eu prefiro não olhar para lá, olhar para a matéria, produzir alguma coisa que, se bobear, se eu abri o caderno do que eu fiz em 2011 pode estar igual. Aí falar: “Pô, não precisava ter feito”. Mas sabe? É meio... o meu inicial é, sabendo o livro que eles vão ter de apoio e sabendo o conteúdo que eu estou trabalhando, saber os conceitos básicos que estão ali, que são falados e que, se a pessoa ler, ela pode despertar e querer conhecer mais, eu também tenho que conhecer aqueles conceitos. Então eu dou uma mapeada ali, pelo que está no livro, e geralmente aquilo é o que eu vou cobrar, em termos de avaliação e trabalho. Quando eu saio um pouco, saio com alguma coisa que não é o central, que é um acessório que dialoga, eu não costumo cobrar tanto. Eles não vão precisar me explicar a justeza da luta dos guarani kaiowá, mas se eu estiver falando o que é etnocídio, porque está no livro, então vamos entender que conceito é esse, mas aí eu li um texto dos guarani kaiowá com eles. Mas, talvez, seja até para aprofundar alguma coisa, para eles verem algumas discussões que estão na realidade do dia a dia, que estão no concreto ali, não é? Então, olha, estamos falando da questão indígena, mas olha só um conflito entre a galera que planta soja e os indígenas no Mato Grosso hoje, mas aí João, eu fico mais preocupado, porque se precisar sedimentar alguma coisa, sedimenta o básico, não é? Até porque muitas vezes essas escolhas que a gente faz, tem também um pouco de pegada política do nosso olhar, da nossa escolha, não é? E imaginando que esse sujeito vai ter a maturidade dele, na hora, também, para fazer as suas escolhas, não é? Falando “não cara, vamos pegar aqui o que é que é básico”. Não sei se a comparação... é como se o cara aprendesse as operações básicas com professores e outros cálculos ele vai ter que fazer com base na realidade que ele tem e tudo mais. Mas eu não deixo de trazer um... de sair do livro, de estar – eu uso filme, eu vou começar o tópico de movimentos sociais e eu posso passar um filme que fala das ocupações escolares no Chile e da questão do transporte. Então eu

posso abrir os movimentos sociais passando o filme. Não começar pelo texto síntese, e passar o filme, e aí tentar dialogar um pouco.

J – Tentar produzir um debate com eles...

W – A partir do filme e a partir dali dizer, olha só galera, lê o texto que eu pedi para ler. Que grupos são esses? O que é um grupo que a gente chama de movimento social? O que que dessas características (olha, que tem um autor aqui no texto, o autor de referência que aparece no texto, está falando o que é movimento, o que ele está dizendo?), quais são as características? Estamos vendo lá. Então as vezes eu parto de uma síntese ou de uma leitura. Eu vou falar de mundo do trabalho? Eu levo um texto pequeno, eu não boto a síntese primeiro. Eu levo um texto pequeno, que está falando hoje dos, da categoria de desalentados. Gente, sabe o que é desempregado? Sabe. Agora é desalentado. O IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] agora falou que tem 14 milhões de *desalentados*. E a partir daquele pequeno texto, que fala de uma condição de trabalhador, aí eu vou, de repente, para o conteúdo.

J – Houve, nessa tua experiência, algum tipo de estratégia que você tentou e você falou: “cara, não funciona, não vou mais fazer isso”? E uma que você tenha adotado que você falou: “Opa! Isso aqui pega bem”? Enfim...

W – Cara, tem um monte de coisa que... não que... deu errado, talvez pela linguagem, a forma de abordar. Mas eu não consigo lembrar de cara assim. Mas foram muitas vezes, muitas vezes aquela sensação que você não explicou direito e que, ou você acha que explicou direito mas ninguém entendeu nada. Então você passa a ter dúvida se você conseguiu. Sabe? Muitas vezes, em muitos tópicos da Sociologia. As vezes, eu posso te dizer, talvez, quase todos. Não é? Não que eu tenha essa sensação é... eu não trabalho assim, para mim é assim: eu tentei explicar, foi muito ruim, seja da minha parte, um entendimento, não, eu vou continuar lá, vou tentar trabalhar, vou abordar de outra forma, vou trazer um filme, não, vamos ver uma música ou vamos sei lá o que, e tentar buscar relacionar novamente com esse conteúdo, não é? E outras que dão certo, talvez, não é?

Quando a gente fala inicialmente do conceito de socialização, e eu as vezes pego do conceito de socialização (que eu acho que nem Marx, nem Weber, nem Durkheim falaram especificamente do conceito de socialização), mas eu parto dele para dizer “olha cara, esses três caras aí, eles tentaram entender como é que a coisa funcionava”. Socialização lá na cabeça dos funcionalistas de repente tem a pegada do limitante,

integração do indivíduo, sei lá o que; mas, bom “gente, o que seria socialização para o Marx?”. Que é uma coisa talvez até arbitrária, artificial, mas eles conseguem entender. “Ah, tá. Então esses três caras tentaram ver como é que a gente interage e como é que esse negócio aqui dá liga, que chama sociedade”. Em outros momentos também, um exemplo, o filme que eu estou falando chama *Revolta dos pinguins* [A rebelião dos pinguins / La rebelión pingüina (2007)], que é de um cineasta que tem uma pegada militante, é um cara de esquerda, um argentino, [Carlos] Pronzato. Mas que eu vi esse filme pela primeira vez com a galera do MPL ou MBL. Isso eu vi em 2008, 2009 e eu passei a usar ele, eu acho que, em 2011, 2012 eu passei para falar de movimento social. E, assim, é um filme de 40 minutos, tem moleque que tem interesse, tem moleque que não. Meninas que tem interesse, outras não. Enfim. Mas dá, eu sinto que ele é um documento que dá para você ilustrar o que é que a gente tenta estudar quando a gente fala de movimentos sociais. Eu vi também uma dinâmica (que de repente você já deve ter visto aí), que foi de um professor nos Estados Unidos e que ele bota uma galera enfileirada, e aí ele fala: “Gente, estamos fazendo uma dinâmica, aqui o objetivo é a gente chegar naquela linha de chegada, só que eu vou falar algumas características e quem se enquadrar nessa característica, por favor, dá um passo para trás”. E aí ele começa: “Quem precisou trabalhar e estudar? Quem precisa estudar, mas se preocupa em como é que vai pagar o aluguel? Quem foi criado pela avó ou por um dos pais?”. Então ele vai colocando em questão a noção que a gente tem de igualdade. Eu não sei se tu já viu.

J – Já vi, já vi essa dinâmica.

W – Na verdade, eu tenho usado ela para começar a falar de estrutura e estratificação. Para começar a quebrar, também, um pouco, com essa ideia de que somos iguais e que basta o teu esforço – “cara, é você que não se esforçou para ter acesso às coisas que tem aí”, não é?

J – E como é que é a resposta da molecada a essa dinâmica? É boa, em geral?

W – É boa, é boa sim. Eles conseguem perceber essas diferenças e falar: “Ah é, estou eu e meu irmão aqui...” Eu tenho casais de irmãos dentro de sala que o moleque volta para casa e ele não tem que cuidar do irmãozinho mais novo e a mina tem, não é? E aí eu dou o exercício para os dois, só que ele volta para casa, é filho de trabalhador, mora na Baixada [Fluminense], mas ele é homem, e ele não estuda e não fez, porque não quis, quer dizer,



a mina não estudou, não fez porque de repente “eu estava com meu irmão pequeno”. Então começam a perceber algumas diferenças que existem.

Bom, e aí quando a gente começa a falar que a Sociologia ajuda a gente a pensar as nossas relações, e desnaturalizar algumas coisas que a gente... a gente está estudando alguma coisa que faz parte, muitas vezes a gente não consegue entender elas porque a gente não se afasta, também, delas, não tem essa noção. E aí eu começo a entrar e falar: “Olha, então para a gente conseguir entender, inclusive, como é que a nossa sociedade está organizada hoje...” – porque aí eu também coloco umas máximas, não é? Tem algumas pessoas que acreditam, que por conta da quantidade de informação que a gente tem, a sociedade hoje está caótica. Tem aí uma tese solta no ar, que não dá para entender na realidade, essa é uma. Outra, tem uma tese de que a realidade é assim porque forças divinas organizaram as coisas assim e assim será. A Sociologia diz que tudo foi construído por nós, que é completamente possível entender essa realidade, que ela não está caótica, apesar de estar confusa para alguns, que a gente consegue explicar até um lugar que tem uma situação de conflito aberto, até na Síria, hoje, tem organização.

A gente é um tipo de bicho que só chama de sociedade quem se relaciona, e a gente só vive em sociedade. Então se tem sociedade, tem organização. Tem grupos agindo ali, que grupos são esses? Tem alguma forma de tu produzir as coisas que você precisa, de dividir as coisas, só que a gente está tão imerso na nossa que as vezes a gente já não percebe. A gente vai para estudar isso daí, usar a ajuda da história e olhar, para a gente até perceber a nossa, como é que essas sociedades estavam organizadas em outros lugares. Porque aí a Sociologia fala, lá de casta e de estamento. A comparação para mim serve para tentar dar essa noção que tiveram outras formas e outra coisa, podem ter outras. A sociedade é movimento também, a gente hoje pode estar arrumando para ter um outro arranjo social aí, não é? E que a Sociologia não é uma bola de cristal, a gente não faz exercício de adivinhação. Mas previsão de cenário a gente faz. Eu falo: “Olha, a gente tanto estuda o que alguns chamam de passado, que é o minuto de agora para trás, a gente estuda o agora, o presente, e a gente traça cenários do que pode acontecer, projeções”. É isso cara.

J – E pegando esse período que você veio para o Rio, qual seria a principal mudança no seu trabalho, para você na relação com a disciplina? Na escola?

W – A primeira paulada foi... Eu voltei em 2013 para o Rio e eu peguei uma bolsa de docente residente em uma experiência, eu vou colocar assim, controversa, dentro da UFRJ, que foi o Instituto politécnico de Cabo Frio (RJ), que foi uma galera, inclusive meio que a esquerda tentando uma proposta de escola que funcionou de 2007 (formalmente) até 2015 ou 2016, já nessa gestão do Leher, ele de fato extinguiu a escola e para ele extinguir ele conseguiu, inclusive, transferir alunos, fazer a certificação dos alunos, pelo IF's [Institutos Federais] e tal. Ele conseguiu fazer essas parcerias para os alunos não perderem o tempo de estudos deles. E aí eu fiquei dois anos nessa escola, funcionando em Cabo Frio (RJ), e lá eles já tinham uma pedagogia de projeto, trabalhavam com pedagogia de projeto, como no sistema s e já com essas áreas de conhecimento que a reforma do ensino médio está propondo agora. Eu era um docente de relações sociais, e os conhecimentos apareciam conforme a necessidade que o trabalho demandava.

Tinha todo um planejamento diferente, uma organização do conteúdo que não era disciplinar, que era decidido em equipe também, quer dizer, não era uma coisa individual. O que eu, responsável pela disciplina, pensava para o ano – a gente, eu acho que, fazia planejamentos inclusive, não sei se foi trimestre ou bimestral, não planejava nem para o ano, porque o trabalho em si, você não tem como prever os conteúdos que um trabalho pode demandar.

Mas eu volto a trabalhar com Sociologia, disciplina disciplina, em 2015. Eu passei em março, entro em novembro, e o primeiro ano não existiu, porque a gente chegou para aplicar prova de um outro colega. 2016 eu dou um mês de aula, a gente entra em greve, cinco meses, beleza. Mas quando volta, eu de fato estou em sala, e a primeira coisa, turmas com um tempo de aula. Então o primeiro e o segundo ano tinham um tempo, o terceiro tinha dois. Mas um terceiro ano que teve no primeiro e no segundo ano um tempo só, em termos de tempo, como é que o mesmo conteúdo que eu dava em 20 horas bimestrais, eu encaixo em 10? Não é possível. Ficou alguma coisa que era de primeiro ano de dois tempos, não deu. E aí eu me dei [conta] no terceiro ano, que para as outras disciplinas, no terceiro ano, você não apresenta nada, na Sociologia, a gente ainda apresenta, não é? Eu pelo menos, no meu planejamento, eu tenho quatro pontinhos de primeiro ano, quatro de segundo e quatro de terceiro, que são novos. Não é viu-se tudo no primeiro e no segundo ano e no terceiro tu revê, rever para a galera, de repente, tentar

ingressar na universidade. Então eu ainda estou assim, meu terceiro ano, eu ainda estou vendo coisa nova.

Eu literalmente vou conversar com minhas turmas: “Galera, temos duas possibilidades: de organizar o tempo e ver pontos específicos do terceiro ano, dos bimestres, ou organizar o tempo que eu vou passar o primeiro e o segundo ano a toque de caixa, para tentar chegar no segundo semestre e apresentar o que seria o conteúdo do terceiro ano”. Isso virou em 2017, não é João? Quando a gente começou a ter dois tempos dentro de sala, inclusive conquista nossa da greve. Porque aí eu voltei a ter a tranquilidade, talvez, que eu tinha lá no Paraná, com dois tempos, de pensar esse conteúdo que para mim é possível trabalhar dois tempos, eu consigo trabalhar.

Então o meu primeiro choque foi isso, nada que eu havia pensado e feito até então, cabia no tempo que me era dado. Por mais que eu tivesse aula bolada... O filme. O filme? É entrar na sala, fazer a chamada, botar o filme e dizer “tchau galera, semana que vem a gente conversa”. Então o choque para mim foi esse, no restante não tinha nada que me chocasse da realidade da escola. Eu chego para trabalhar em uma escola em Austin e no Rancho Verde, que é em Nova Iguaçu, mas em Austin a parada foi bem, tinha um policial na porta... Primeiro dia: policial na porta e um policial dentro de sala, dentro da sala dos professores, *sentado* na sala dos professores. Rio de Janeiro, bem-vindo, Rio de Janeiro. Porque foi quando eu voltei para a sala de aula comum do Rio de Janeiro, porque a proposta do instituto politécnico era tão distinta que eu não me senti voltando para uma sala de aula comum, típica como essa.

Eu chego e... cheguei, policial na porta e policial dentro da sala dos professores... assim, eu não me sinto, por mais que a gente saiba que professor sempre foi assediado na história, professor progressista sempre foi alguém que ia ser assediado na história da instituição escolar, eu sempre me senti com segurança para trabalhar o que eu estou afim, porque eu sempre me preocupei, também pela questão do assédio, em buscar ter conteúdo. Assim, eu não vou falar só da questão indígena, porque estão massacrando os índios e isso não pode, mas tem um parâmetro que está dentro do currículo, eu trago alguma coisa que tem uma pegada que eu também me reconheço nessa pegada, mas que não é doutrinação, que cruza sempre com uma preocupação de eu falar: “Cara, discordou? Você é contra demarcação indígena? Você é contra mano”. Se cair na prova o que é território indígena, o que é uma TI, você diz que está certo. Se você disser que é contra, que acha

que não, que acha que os índios são bacanas, mas que eles devem estar misturados conosco, você vai ter essa liberdade.

Eu sempre busco para falar para os meus alunos que debater e discordar é próprio da matéria, e que é por isso que querem que tirem a matéria de sala, não é? E que discutir para mim não, para mim é uma parada que é mais agressiva. Eu costumo falar assim, “Discutir... aí tu está meio puto com o professor, sei lá o que, aí tu está dando alfinetada e o professor, as vezes, se vale de relação de poder e pesa em cima de você, não”. Agora debater, você conseguir definir para mim o que são cotas raciais e você dizer, simplesmente, que é contra e que acha que isso é desigual, porque você mora na Baixada Fluminense, que é proleta e que é branco, e que isso é uma injustiça que fazem com os brancos, eu vou entender até, o teu ponto de vista. Mas se tu pescou, tu sabe o que é cota, você consegue dizer, inclusive, que é contra, com a preocupação de eles irem formando a consciência, a visão de mundo deles, entendeu?

As vezes me perguntam, especificamente, um determinado ponto de vista que, de repente, não dá nem para desenvolver, não tem nem a ver com o que a gente está estudando, eu falo: “Cara, olha, vou abrir um parêntese aqui para falar, vai ser uma covardia, porque você está me perguntando eu vou falar, aí de repente teu colega quer falar, o outro quer falar, o outro quer falar, o outro quer discordar de mim, vamos fazer esse parêntese aqui? Eu faço. Vou falar o que eu acho, porque que eu acho. O que eu acho, porque que eu acho, sei lá o que”. Mas sempre: “eu vou matar a tua curiosidade, mas não é para você seguir o que eu disse”.

Isso antes até... eu já fazia essas falas antes desse contexto aí, que eu acho que está caracterizado pelo Projeto Escola Sem Partido, eu fazia essas falas no Paraná e a gente estava em outro momento. Inclusive em termos para a Sociologia e talvez para carreira de educação, era outro momento. Eu estava vendo até luz no fim do túnel. Mas eu já falava isso. Eu continuo a falar, para eles no mínimo terem o contraponto. Falaram em algum lugar que eu sou um doutrinador. “Cara, você não vai ganhar ponto se você repetir a minha opinião. Nem eu tiro ponto se você discorda da minha opinião. Mas porque que você acha isso? O que é que você foi buscar?” O que eu peço para eles muitas vezes, eu falo “Cara, tragam coisas. Mas, vem cá, você não pode trazer a frase que tu escutou na padaria”. Ah, que isso é racismo com brancos. “Me diz aí, me traz um texto do Demétrio Magnoli que ele catou”. Não é? Que era o baluarte da crítica à... Soltou livro fazendo uma crítica a questão das cotas, que no mínimo é isso, tem um lastro

sociológico, não é? Pega um texto do Demétrio Magnoli que saiu no Globo, muitas vezes eu não tenho esse retorno. O retorno é só a opinião, mas eu sempre lembro, “cara, legal, nenhum problema tu ter essa opinião”. Mas sempre tu opinião vai estar bem fundamentada quando tu trazer alguém que pesquisa isso daí. Porque a Sociologia é isso, opinião sobre a realidade a gente tem um monte, mas tem uma meia dúzia de pessoas que trabalham. E aí vai pesquisar, aí vai descobrir, e aí vai te explicar, historicamente o que aconteceu com a população negra no Brasil, porque que... vai te mostrar dados hoje, de onde é que a população negra está em termos de escolarização, vai comparar com branco e tudo mais. Que aí, você vai falar “cota está errada”, tu vai ter uma força no teu argumento que vai ser muito mais forte do que você dizer o que o camarada te falou na fila da padaria.

J – Wili, já estamos quase no final, como é que é tua rotina de trabalho hoje? Assim, todo dia? Você não vai na escola todo dia que eu já sei. Então, como é que você divide aí teu tempo?

W – Olha só João, esse ano eu tenho uma matrícula de 12 horas, que são seis turmas e aí eu iria trabalhar quarta e sexta – óbvio que pela experiência pouca que eu tenho, alguma coisa eu já... o primeiro dia eu posso até ir no *flow*, não é? Ir meio “Olá galera, geral. Vamos estudar isso, vamos estudar aquilo, sei lá o que...”. As vezes já chego com uma síntesezinha preparada, não é? Para o cara achar também que a disciplina... também levar a sério a disciplina, não é? As vezes ele acha que a gente está de papo, não é? A gente está falando. O cara fala: “Pô, professor, não mas tu ficou lá de papo, falando dos negros e dos brancos”. E eu: “Não cara eu não estava de papo, não era papo não”. Então os primeiros dias eu fico a vontade de, de repente o primeiro dia, ir no *flow*, mas eu tenho uma rotina. De um dia na semana estar vendo a sequência do meu trabalho, não é? Então seria hoje.

J – Preparar aula...

W – É. Alguma coisa a ajustar. “Ah, beleza. Eu já tenho esse texto adaptado”. Ou vou adaptar esse texto aqui e acho legal, vou dar essa atividade.

J – Um dia na semana você reserva para isso?

W – Pelo menos, tá? Pelo menos. E quando eu consigo adiantar isso daí, talvez eu dedique esse dia para corrigir coisas. Quando a coisa aperta, um pouco mais de trabalho, quando

precisa fechar nota... obviamente que aí tu entra para além desse dia. Eu trabalho muito pouco preparando e corrigindo na escola, muito pouco. Na escola acaba que eu me disperso lá. Eu vou ter uma rotina esse ano, de passar toda a tarde e toda quarta-feira na escola, eu vou dar aula de manhã, fico a tarde e vou dar aula a noite. Cara, eu vou dormir, vou ficar de papo furado com funcionário, com aluno, com professor, sabe? E é capaz de eu botar a coisa na minha frente e ficar de papo furado. As vezes eu trabalho nesses horários de janela que eu tenho, mas eu não conto muito não.

J – Sei. Fim se semana tu trabalha? É comum?

W – Eu trabalho. É comum.

J – Em especial, correção? [pausa]. Tudo...

W – Qualquer coisa. Qualquer coisa desde preparar – isso quando não tem dados da realidade que tu está lendo no jornal alguma coisa, que tu fala “sobre isso eu tenho que...”. Para te dar um exemplo, Secretaria de Educação, desde 2016, ela tenta empurrar em cima da educação o projeto Dengue sei lá o que. Chegou para mim o zap [Whatsapp] da coordenadora pedagógica: “Vamos fazer o projeto Dengue Feliz”. Praticamente, dar informação sobre a doença, sobre os focos e tudo mais... cara, só falta a gente sair e fazer o trabalho de combate de endemia, botar pozinho nas casas. Aí o secretário dá um beijo, dá uma flor para cada um. Porque nem reajuste eles dão, já a 5 anos, não é? Figura me falou: “Já mandei no zap ontem”. Eu falei “sim, olha: se for para eu fazer eu vou começar a falar da responsabilidade que esse governo tem na promoção das endemias que desde, praticamente, 2000 eles vêm destruindo todo o serviço público que lidava com o combate de endemias. Seja a Agência Nacional de Saúde, seja a Fio Cruz – e aí ainda tem a indústria da vacina, que não permite que os laboratórios públicos desenvolvam coisas”. Então, isso chegou ontem para mim. Eu, a princípio, vou essa semana dar o meu *flow* das aulas iniciais, se me perturbarem muito para fazer o trabalho projeto mata mosquito, eu vou vim para dar paulada. Para responsabilizar, hoje, para mim, quem é o culpado, talvez, pela promoção das endemias. Que para mim, passa pelo estado, a medida que ele foi precarizando essas agências, que ele foi sucateando todo esse trabalho, que ele foi...

Cara, tem um amigo meu que é funcionário da Fundação Nacional de Saúde e aí começaram a botar os agentes de combate de endemia, pelos municípios – o que é um tremendo cabide de emprego e que o mesmo trabalho... o meu amigo ganha nove e barão

e os caras ganham R\$ 1.200. Então tem um pouco o meu olhar, um tempo de análise que eu faço sobre o que está acontecendo no serviço público no Brasil.

Então, para mim, eu não vou botar meus alunos para fazer um trabalho de combate de endemia, que me parece que o próprio governo está cagando. Não é? Não é para eles estarem... o aluno e a aluna sempre foram um agente potencial de educação. Não é à toa que eles querem tirar saúde e sexualidade de dentro da escola, porque sabe que a criancinha vai chegar em casa e vai falar “mamãe, esse pratinho de água isso daqui eu aprendi...”. Agora, daí a eu ir com a minha turma 1002, para passar na rua, na casa do pessoal? Eu não vou fazer isso. As vezes me chega umas coisas assim, seja por cima, seja um dado da realidade como a questão das barragens – que é impossível de não falar –, ou o incêndio do Flamengo que é impossível de não falar quanto mais com o aluno e a aluna vendo uma perspectiva legal um a cada um milhão de moleques ter a possibilidade de ser um jogador de futebol de ponta. Não estão nem percebendo o mecanismo cruel que levou aqueles poucos garotos a estarem dentro daquele alojamento. Estão vendo a tragédia e tudo mais, mas aí eu consegui fazer alguns pulos de raciocínio que eu fiz, sem ser artificial com eles. Como é que você ajuda os caras a pensarem, a estudar e olhar para determinadas coisas sem que necessariamente ele reproduza.

J – E no seu tempo livre, se é que existe, você consegue ler livro? Que seja de Sociologia, mas que não tenha a ver com a aula? Tu consegue ter essa relação assim com as coisas? Ou está tudo muito colonizado pelo trabalho?

W – Eu consigo. Eu consigo, sempre forçando a barra. Sempre forçando a barra mesmo, seja... eu atuo politicamente, então isso me obriga a ler algumas coisas. Hoje eu estou no sindicato, no SEPE, que é um universo. E aí eu também estou ali atuando e tentando entender aquele universo, que as vezes tu tem que ler, inclusive, textos duros, chatos, sei lá o que, que não são nem da área, que não são nem de literatura, nem da parte afetiva, nem racional, mas tu tem que ler para tentar entender um pouquinho mais, por exemplo, como é que está a realidade da galera no município que o SEPE atende também, não é só do estado. Não é? O que é que são os agentes da educação infantil e porque que essa galera está gritando agora? Está tendo reboliço. Aí tu vai ler lá.

Eu estou sempre lendo, nunca do jeito que a gente gostaria, que talvez que é... você poder se identificar. Porque o trabalho de professor, o tempo que eles nos dão não é suficiente. Quatro horas? Quatro horas não é suficiente. A não ser que tu seja um técnico

da educação, um adestrador. Dê sempre a mesma matéria. Eu volto lá naquele texto adaptado, que eu fiz em 2011, porque eu estou dando os clássicos da Sociologia e dane-se o quê que mudou até 2019. Eu sempre estou lendo sem poder estar lendo, sei lá, pressionado, é no ônibus... eu faço uma comparação com o trabalho de pesquisador, que tu tem que ler mesmo, tu está ali entendendo, tentando entender um universo e aí tu tem que ler teus colegas e tudo mais, parece que isso não é, no geral, que o professor não precisa fazer isso, que isso não está posto.

Eu vou te dar um exemplo. No Sana (RJ), quando eu morava no Sana (RJ) – e aí, lá, como eu falei, lá na Geografia, muitas vezes o cara estava passando e me via lendo. E aqueles comentários, os camaradas matutões: “É, eu passo lá e tu está lendo, não é malandro?”. É, eu estava trabalhando. E ele: “O que? Tu estava lendo”. Se minha irmã entra aqui no quarto e eu estou lendo, ela... é a relação, talvez, que a galera tem com a leitura afetiva, com a literatura – sem nenhum demérito para esse tipo de leitura. Mas o cara acha que eu estou de lazer. A leitura do lazer, sei lá, e a leitura do trabalho. A gente está sempre com o livro na mão, não é cara? O cara no máximo fala: “Ele lê muito”. Mas de repente eu pego vou ler o trecho que aprofunda mais em determinado conceito, tentar entender... a minha irmã entra aqui e é como se eu tivesse com Lima Barreto, lendo, entendeu? Para ela, para qualquer outra pessoa, quando eu estou lendo, não sei se faz a relação, até porque, de vez em quando, eu leio literatura também. A gente lê outras coisas que não tem relação com o trabalho.

J – E redes sociais? Você está em redes sociais?

W – Eu morei no Sana (RJ), aí tinha... primeiro assim (isso é sério). Porque, assim, não tinha luz, não tinha energia, não tinha notebook, não tinha internet. Então eu já tinha uma relação, quando eu fui morar no Sana (RJ) em 2003, com a internet, era ir no Sana (RJ) uma vez na semana, para... mas não tinha esse contato. Aí, beleza. A minha senhorita ex-mulher, ainda era uma figura da Física, que a gente sai de lá e vai trabalhar em Curitiba (PR) e aí, ainda tinha um detalhe, no Sana (RJ) não tinha, o Sana (RJ) hoje tem uma antena de telefonia. A galera tinha muita dificuldade de ter acesso à internet. Então tu tinha uma dificuldade de ter acesso, e para tu ter essa relação cotidiana em um lugar... não é? Beleza. Quando eu fui para Curitiba (PR), a minha senhora, a ex-mulher falava: “Cara, não vamos ter um celular, a gente tem um telefone”. Aí eu passei a ter relação mais cotidiana com a internet, mas não entrei nas redes. Só em 2013 eu tive assim... talvez eu acho que vai ser uma das poucas pessoas que você vai entrevistar, um pouco, com essa



relação mesmo. 2013 eu passei a ter um celular. Mas só em 2016 eu tive um celular com *Whatsapp*. As duas redes sociais que eu tenho, além da internet, é o *Whatsapp* e o *instagram*. Eu nunca tive *Facebook*, e por quê? Por conta de tudo o que acontece lá, eu não tenho vontade alguma de ter. Eu continuo, João, ao mesmo tempo que eu sei que muita coisa eu perco, muita neura eu deixo de ganhar. Sabe? E eu acho assim que, de repente, as informações que estão ali, as mais importantes, estão circulando em outras redes também e me chegam.

J – E o *Whatsapp*, pelo que você falou um pouco aí, também é uma coisa meio de trabalho? Não é? Porque os professores têm um grupo, eu imagino, a coordenadora põe no grupo... Vocês usam isso bastante?

W – Sim.

J – Mais do que você gostaria?

W – Não. Eu não acho que é muita mais do que eu gostaria, não. Não chega a ser mais do que o que eu gostaria. Não. Olha, minha irmã deve estar chegando, só para a gravação... porque o cachorro foi para lá. Eu não acho que é uma coisa excessiva. Hoje tem um grupo da escola, que é da direção e aquele grupo do *Whatsapp* que a escola envia e você só recebe. Mas chega desde... chega o projeto do Dengue Feliz, mas eu não me sinto assediado, chegam informes institucionais e tudo mais. Não tem nada demais. E a gente tinha grupos informais, também, na escola. Então...

[INTERRUPÇÃO]

W – Na escola tinha um grupo de uma galera que fez a greve, e aí eu entrei no grupo. Eu cheguei na escola, começou a greve e aí tinha esse grupo e eu, por participar da greve, entrei nesse grupo. Mas também não era um grupo formal. Não era um grupo da escola e tudo mais, era um grupo de grevistas. E na minha escola o pessoal se frequenta, é da mesma igreja, faz churrasco em casa, e aí os caras, cada churrasco vira um grupo, eles têm trinta grupos que eles não desativam. Do churrasco de 2016 ao churrasco de 2019, deve estar lá Churrasco 2016, Churrasco... Esses eu não tenho participado. E eu lido bem com a galera até, eu falo para a galera: “Galera, eu ganho pouco, é distante. Nada contra passar uma tarde com vocês, mas aí chega no domingo, eu não venho para Nova Iguaçu para comer churrasco com vocês”. Porque a galera mora próximo. Então uma galera tem carro, conseguem ter esse convívio. E eu consigo manter esse convívio afetivo, vou dizer

assim, também com eles só estando na escola. Eu tenho o meu convívio de trabalho mesmo, mas consigo... eles até já me pararam de me botar no grupo do churrasco e tal, mas não é por rechaço. Eles sabem que eu não vou por rechaço.

Então, na escola, específico, tem um grupo desse que é a direção que manda (ano passado eu estava complementando, fazendo hora extra no Olga Benário, que fica ali em Bom Sucesso, perto da Praça das Nações, que o Binho é diretor, foi colega meu no CESPEG e aí também é um grupo assim, que a direção manda coisa, tá? Eu ainda estou no grupo mas não estou mais na escola, mas recebo lá, é pouca coisa), tem um grupo que se formou no âmbito da galera da rede estadual de professores de Sociologia e Filosofia (que viram a necessidade de se organizar para garantir a permanência das disciplinas – foi esse grupo que manteve a pauta dos dois tempos, inclusive na greve), e eu me mantenho nele também, não só pela quantidade de coisas institucionais e não institucionais da área. Então tem uma bolsa do CAPES no Canadá, a galera manda mesmo. Tem toda uma relação corporativa. Vai ter a reunião da ABECS [Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais], chega ali pelo grupo. Até a reclamação do secretário de educação, não é? Cara, chega a posição política de grupo que o camarada que é do PT manda, manda a análise dele, o outro manda. Então esse grupo circula tudo isso daí e eu acho legal me manter nele.

E o grupo do sindicato, mas aí é um grupo, esse grupo do sindicato inclusive é da direção do sindicato – já teve um grupo da regional aqui, que era aberto e que eu acabei saindo. Mas tem essas redes, elas não me afrontam, sabe? Eu não tive vontade de sair e, pelo contrário, eu vi necessidade de ficar nelas todas por conta desses informes, dessa possibilidade de comunicar também, e porque não foi uma coisa que está o churrasco que eu não vou, entendeu? É isso.

J – Beleza. Wili, cobrimos tudo cara. Obrigado.

W – Joinha?

J – Joinha, vou parar aqui.

[FIM DO DEPOIMENTO]